

# A lei áurea do século XXI

**TRABALHO** | O Senado iguala os direitos das domésticas aos do resto da população

POR WILLIAN VIEIRA

**N**A TERÇA-FEIRA 26, Benedita da Silva viu-se numa situação curiosa. Com um compromisso em cima da hora, a deputada ligou para sua empregada: precisava da roupa passada com urgência. Mas a moça havia saído no horário. Estava longe, de folga. Benedita teve de ignorar o almoço e procurar pelo ferro, preocupada com o voo a Brasília, onde assistiria à votação da proposta de emenda à Constituição mais importante de sua vida, a que ampliaria os direitos trabalhistas das domésticas. “Agora, você acha que eu não pagaria hora extra para ter essa pessoa fundamental em minha vida?”, diz, irônica em relação ao argumento das futuras demissões em massa. Horas depois a lei foi aprovada no Senado. E lá estava Benedita, orgulhosa. Menina pobre alçada à política, a ex-empregada relatara a “PEC das Domésticas” na Câmara, tarefa aceita para “garantir dignidade a milhões de mulheres que não tiveram a mesma chance”.

**A proposta inicial** pretendia revogar o parágrafo único do artigo 7º da Constituição, que excluía os domésticos do acesso a direitos básicos. A relatora fez questão de colocar no texto os 16 direitos trabalhistas agora válidos para faxineiras, babás, cozinheiros e outros funcionários de residências: acesso ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), pagamento de horas extras e adicional noturno, jornadas limitadas a oito horas por dia e 44 semanais, multa rescisória nas demissões sem justa causa, vale-transporte e auxílio-creche, entre outros. Falta a promulgação, simbólica, na próxima

## Dúvidas da PEC

**Como fiscalizar as horas extras?** Não há regra clara. O governo afirma que a regulamentação é desnecessária. Especialistas dizem que sim. E sugerem anotar as horas extras, com assinatura do patrão.

**Como pagar o FGTS?** Era facultativo e se tornou obrigatório. Pode-se abrir uma conta no nome do empregado. O governo vai regulamentar a questão, assim como o seguro-desemprego e o adicional noturno.

**Auxílio-creche e vale-transporte?** O vale já pode ser pago hoje, independente de o empregado morar

com o empregador. O auxílio-creche vai depender de normas específicas.

**A aplicação da PEC aumentará o custo do empregado?** O impacto será de 15%, em média, se forem pagos FGTS e hora extra. Especialistas não acreditam em demissões em massa.

**Como garantir os direitos?** Enquanto não houver regulamentação específica, a tendência é que os casos sejam decididos na Justiça. Sindicatos do setor podem ajudar a explicar o que pode ser feito e como.

semana. Só assim, passado mais de um século da abolição da escravidão, as domésticas deixarão de ser, ao menos na letra da lei, cidadãos de segunda classe.

Em um país com o maior número de empregados domésticos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a aprovação é histórica. Os domésticos eram ao menos 7,2 milhões em 2010. De cada seis trabalhadoras no Brasil, uma exerce a função. Tanto tempo de espera será sanado de uma hora para outra, com o toque mágico da lei? Além do ufanismo em torno da “segunda abolição da escravidão”, como batizaram sindicalistas do setor, o que especialistas esperam é um lento e sinuoso processo de mudança nas relações trabalhistas domésticas, maturado na Justiça ao longo dos anos.

O caso mais problemático é o dos empregados que dormem no trabalho. Como definir o número de horas trabalhadas por alguém acostumado a estar à disposição dos patrões 24 horas por dia, não muito diferente dos “agregados” tão comuns na literatura nacional, resquício infeliz da escravidão recente? E como obrigar esses chefes a respeitar jornadas de oito horas ou a pagar por tais serviços como hora extra, com adicional de 50%? Para Ricardo Guimarães, advogado especializado em direito trabalhista e professor da PUC-SP, a única saída para fazer valer o peso da nova lei é a assinatura de um contrato entre as partes, enquanto as novas regulações não forem impostas.

**Ou seja, as mudanças** ocorrerão, na prática, na base da gambiarra jurídica. Alguns patrões criarão uma conta para depositar o FGTS da empregada. Outros, não. Alguns exigirão menos horas da doméstica, outros pagarão as horas extras como julgarem certo e outros vão ignorar as mudanças. Alguns empregados buscarão seus direitos via sindicatos ou juizados. Outros nem sequer saberão o que perdem. “O governo prometeu uma campanha ampla para divulgar as mudanças”, garante a deputada Benedita da Silva. “De qualquer for-

## A mudança será, porém, gradual, baseada nas decisões futuras da Justiça

**Na marra.** Quem não puder bancar o custo das novas regras terá de realizar as tarefas de casa, afirma o sindicato das domésticas

ma, ela pode ir ao sindicato, na associação, na Justiça, acionar o empregador.”

O caminho jurídico é o mais complicado. Raramente há provas, diz Guimarães. Geralmente, não há contrato, holerites, testemunhas. O trabalho doméstico é solitário, silencioso, recôndito. “Por isso, até ficar mais claro, vale a doméstica anotar suas horas extras num caderninho e mandar o patrão assinar. É bom para ambos os lados.” Outras questões específicas, como o pagamento de auxílio-creche e o seguro-desemprego, ainda devem aguardar normas mais precisas. Segundo o Ministério do Trabalho, será criada uma comissão para propor a normatização de alguns itens. “Até lá, os emprega-

dores vão sofrer na Justiça até criarem consciência cultural de que são deveres.”

Como a dinâmica das relações de trabalho nas residências é distinta da existente nas empresas, as tentativas de formalização geralmente falham, afirma o economista Márcio Pochmann, ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Por isso ele propõe um passo além: a constituição de cooperativas ou prestadoras de serviço. “É o que ocorre nos Estados Unidos e na Europa”, diz. Isso aumentaria os custos, mas reduziria problemas legais e garantiria de vez o acesso a todos os benefícios.

**Mesmo assim, a lei deve** atingir a minoria dos profissionais. Segundo dados da Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos (Fenatrad), 27% dos domésticos têm carteira assinada. Com garantias estendidas, torna-se juridicamente mais arriscado para um patrão manter uma doméstica sem honrar os direitos trabalhistas. Ao mesmo tempo, uma aplicação integral dos novos direitos assegurados com a PEC pesará no bolso de quem contrata. Em uma simulação simples, o custo anual de uma doméstica mensalista com salário de mil reais por mês (salário-padrão na Grande São Paulo) saltaria de 18 mil para 21 mil reais apenas com o pagamento de FGTS e 20 horas extras por mês.

O caminho natural deve ser recorrer a diaristas. Um estudo do Ipea aponta que, do total de domésticas no País, 30% (2 milhões) são diaristas. Em 1999, eram 1,2 milhão. Tal tendência deve se acentuar. “Isso pode nos aproximar futuramente dos modelos europeus e norte-americanos de trabalho por hora, possibilitando a essas diaristas se tornarem autônomas ou pequenas empresárias”, diz o sociólogo Jacob Carlos Lima, pesquisador do trabalho doméstico na UFPA. Para desespero das madames. Algumas passaram inclusive a sugerir a criação de sindicatos de patroas. Querem garantir os seus “direitos”. Para as domésticas, a conquista é irretorquível. Quem não puder bancar a mudança, dizem, terá de se adequar na marra, o que fica claro nas palavras de Creuza Oliveira, presidente da Fenatrad. “Agora, quem não puder pagar os direitos das empregadas terá de fazer as tarefas domésticas.”

# O balé da sucessão

**PODER** | Aécio Neves dobra o diretório paulista do PSDB, enquanto Dilma Rousseff e Eduardo Campos trocam recados cifrados

POR PIERO LOCATELLI

**S**E AINDA HAVIA alguma dúvida de quem será o candidato tucano à Presidência da República em 2014, ela foi dissipada com a visita do senador Aécio Neves a São Paulo na segunda-feira 25. José Serra preferiu viajar para o exterior, enquanto o governador Geraldo Alckmin e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso levantavam as mãos do tucano mineiro no congresso estadual do partido.

O apoio é visto pelos tucanos como um ponto-final na disputa pela cabeça da chapa. Na entrada, faixas diziam que “São Paulo está com Aécio” e o narrador do evento o apresentava como “futuro presidente da República”. No evento, FHC disse estar “na hora de ver que o PSDB é diversificado”, embora as três últimas eleições presidenciais e as três estaduais, dominadas pela dobradinha Serra-Alckmin, o desmintam.

**Aécio fez um discurso** de candidato e parece ter enterrado qualquer pretensão de Serra. Em meio a muitos nomes tucanos citados no evento, o ex-governador foi lembrado de forma discreta. Restou a FHC explicar a ausência do mais ambicioso tucano. Serra teria ido à universidade norte-americana de Princeton para homenagear o filósofo Albert Hirschman.

Os tucanos têm dificuldade de prever o futuro de Serra. Há duas possibilidades: deixar o partido ou subir ao palanque ao lado de Aécio no congresso nacional em maio, quando o mineiro, provavelmente, será eleito presidente da legenda.

No mesmo dia, Dilma Rousseff e Eduardo Campos travavam um interessante embate verbal no Nordeste. Em Serra Talhada, Pernambuco, a presidenta anunciou investimentos de 3,1 bilhões ao lado do governador do PSB. Era a pri-



**Dois pra lá, dois pra cá.**  
Dilma, Campos e Aécio dão os primeiros passos

meira visita da presidenta ao estado em mais de um ano, período em que o pernambucano intensificou seu projeto nacional. Em menção ao histórico de aliança das duas legendas, Dilma pediu “parceiros comprometidos”, disse que um partido não governa sozinho e disse ser necessário não se esquecer “dos compromissos políticos que lutamos ao longo de nossas vidas”. A presidenta também tentava mostrar que nada mudou na relação entre Brasília e Recife. “Estou fazendo aqui a mesma coisa que o Lula sempre fez. Ele vinha, conversava com o Eduardo e trazia sempre obras e benefícios.”

**Campos, provável** candidato à Presidência, garantiu que Pernambuco trata Dilma “com a mesma atenção de sempre” e afirmou que o governo federal mantém uma postura republicana. “Conheço o fel da discriminação, da arrogância dos que não reconhecem a importância do diálogo e da democracia. Aqui há dois governantes que não discriminam, por princípio, e mantêm uma prática republicana.”

Em seu discurso, Dilma referiu-se a uma mudança no País “que começa em 2003”, com a eleição de Lula à Presidência. Apesar dos elogios iniciais, não deixou passar a oportunidade de se apresentar como a terceira via. A exemplo de Marina Silva em 2010, o governador minimizou os méritos dos petistas ao elogiar governos anteriores. Segundo ele, o Brasil construiu uma democracia e “fundamentos macroeconômicos importantes” nos últimos 30 anos.

No dia seguinte, foi mais incisivo. Em Brasília, voltou a criticar a MP dos Portos, proposta de Dilma que retira a autonomia dos estados no setor. Segundo o pernambucano, a medida atinge o pacto federativo e “não precisaria agredir os estados”. O jogo prossegue. ●

## Nova pesquisa, velhas frustrações

**N**ADA DÁ CERTO para as oposições faz tempo. Elas tentam, se esforçam, mobilizam seus vastos recursos e as coisas não acontecem. Seu pior pesadelo parece prestes a se materializar.

A tomar pelo que dizem os eleitores, quando perguntados sobre como pretendem votar na próxima eleição, Dilma Rousseff se reelegerá

sem grandes problemas. Prognosticar sua vitória não é difícil para quem conhece um mínimo da sociedade brasileira.

Ela tem tudo para vencer:

**a)** A “inércia reeleitoral”, que beneficia até governantes mal avaliados (quem não se lembra dos muitos governadores e prefeitos que, apesar de enfrentarem sérias dificuldades, terminaram vencendo?).

**b)** Faz um governo bem avaliado, aprovado por quatro em cada cinco brasileiros (quem preferiria mudar, estando satisfeito com o que tem? Se há uma coisa em que o eleitor acredita é que mais vale um pássaro na mão do que dois voando).

**c)** Tem uma imagem pessoal muito positiva, é querida pela ampla maioria dos eleitores, que gostam de seu jeito de ser e se portar como presidenta (algum de seus possíveis adversários chega sequer perto do que ela alcança no julgamento da atuação pessoal?).

**d)** É conhecida e aprovada pela quase totalidade do eleitorado, não precisa perder tempo para se apresentar ao País (qual de seus oponentes em potencial pode dizer o mesmo, uma vez que todos existem em nichos regionais ou ideológicos?).

Confirmado o favoritismo, Dilma será a quarta chefe de governo eleita pelo PT em sequência. Ao cabo de seu segundo mandato, chegaremos a 16 anos de hegemonia petista na política brasileira.

**O que será da atual geração** de lideranças oposicionistas em 2018? Quantas estarão ainda em condições de atrair a atenção dos eleitores? Quantos de seus jovens terão envelhecido? Quantos dos atuais “formadores de opinião”, na mídia conservadora, estarão ainda na ativa? (A maioria é tão velha que, entre aposentados e falecidos, é possível que restem poucos).

A gravidade do quadro que as oposições enfrentam voltou a ser confirmada na semana passada, quando uma nova pesquisa do Datafolha a respeito da sucessão presidencial foi divulgada. Ela não trouxe novidade em relação ao que se sabia desde o início de 2012. Exatamente por isso, foi uma ducha de água fria no ânimo dos partidos da oposição e nos segmentos “antilulopetistas” da opinião pública.



**Nada dá certo para as oposições faz tempo.**

**O mais recente Datafolha reforça essa sensação**

Apesar dos esforços diários e da militância radicalizada da mídia de direita, Dilma fica cada vez melhor na corrida eleitoral. Enquanto isso, seus adversários patinam ou retrocedem. Entre dezembro de 2012 e março deste ano, ela foi de 54% a 58%, na vizinhança dos 60%, patamar onde outras pesquisas já a haviam colocado. Marina Silva (sem partido) e Aécio Neves (PSDB-MG) perderam 2% cada um, ela de 18% para 16% e ele de 12% para 10%.

**Mais frustrante** para a mídia foi, no entanto, o modesto crescimento do governador de Pernambuco, Eduardo Campos. Depois de “bombado” incessantemente na mídia, foi de escassos 4% a escassos 6%.

Uma simples aritmética mostra que os três não mudaram seu tamanho total: somavam 34%, em dezembro, e foram a 32%, em março. No máximo, o que teria ocorrido seria uma pequena acomodação no terço do eleitorado que não pretende votar na presidenta: Campos tirou uma lasquinha de Marina e de Aécio.

Em votos válidos (a conta relevante para especular sobre vitórias em primeiro turno), Dilma teria, hoje, perto de 64%. Muito próximo de alcançar, sozinho, o dobro da soma dos demais.

Significa que “já ganhou”, que vencerá no primeiro turno? Claro que não, e seria um equívoco se sua assessoria interpretasse assim a pesquisa. Mas que os resultados do Datafolha foram uma decepção para as oposições, disso não há dúvida.

O que lhes resta fazer?

O circo armado em torno do julgamento do “mensalão” foi inútil do ponto de vista eleitoral. O PT não perdeu espaço em 2012 e nada indica que será afetado em 2014.

A tese da incompetência gerencial da presidenta, à qual se dedicaram assim que perceberam o insucesso anterior, não tem adeptos na maioria da opinião pública. Ao contrário, os brasileiros se mostram cada vez mais satisfeitos com o desempenho do governo.

A valorização dos possíveis adversários não comove os eleitores de Dilma. Campos, seu mais dileto produto na atualidade, permanece com números de nanico.

Quando pesquisas como essa são publicadas, ficam tristes e devem pensar no “povinho” que Deus pôs no Brasil. O problema é que não podem trocá-lo. Ou será que vão procurar prescindir dele na hora de decidir quem vai mandar? ●